ORGANIZADORES
Elisiane Mafezolli
Gisele Buss Alberton
Luana Franciele Fernandes Alves

CONTOS DA QUARENTENA

EDITORA UNIFEBE

Titulares Conselho Editorial
Claudemir Aparecido Lopes
Rafaela Bohaczuk Venturelli Knop
Carla Zenita do Nascimento
Luana Franciele Fernandes Alves
Sidnei Gripa
Rosana Paza
Wallace Nóbrega Lopo
Jeisa Benevenuti
Ricardo José Engel
Eliane Kormann Tomazoni
Pastor Claudio Siegfried Schefer

Suplentes Conselho Editorial
Edinéia Pereira da Silva
Arthur Timm
Angela Sikorski Santos
Luzia de Miranda Meurer
Fernando Luis Merízio
Sergio Rubens Fantini
Rodrigo Blödorn
Julia Wakiuchi
Rafael Niebuhr Maia de Oliveira
Joel Haroldo Baade
Jorge Paulo Krieger

Produção Editorial
Equipe Editora da UNIFEBE

Projeto Gráfico e Diagramação
Kairo Henrique Braun

Revisão
Rosana Paza

UNIFEBE

Reitora
Rosemari Glatz

Vice-Reitor e Pró-Reitor de Administração
Sergio Rubens Fantini

Pró-Reitor de Ensino de Graduação
Sidnei Gripa

Pró-Reitora de Pós-graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura
Edinéia Pereira da Silva

Coordenação Editorial
Claudemir Aparecido Lopes

ORGANIZADORES
Elisiane Mafezolli
Gisele Buss Alberton
Luana Franciele Fernandes Alves

CONTOS DA QUARENTENA

EDITORA UNIFEBE

Editora UNIFEBE
Centro Universitário de Brusque
Fundação Educacional de Brusque
Endereço: Rua Dorval Luz, 123, Bairro Santa Terezinha
Brusque - SC, CEP: 88352-400
Caixa Postal: 1501
Telefone: (47) 3211-7000
Site: www.unifebe.edu.br
E-mail: editora@unifebe.edu.br

Contos da quarentena / Elisiane Mafezolli, Gisele Buss Alberton, Luana Franciele Fernandes Alves (org.). – Brusque: Ed. UNIFEBE, 2020.
74 p. ; 1.00 Mb.

ISBN 978-85-86346-13-8

1. Contos brasileiros. I. Mafezolli, Elisiane. II. Alberton, Gisele Buss. III. Alves, Luana Franciele Fernandes.

CDD B869.3

Ficha catalográfica elaborada por Bibliotecária - CRB 14/727

Copyright © 2020 Editora da UNIFEBE

Todos os direitos reservados. Qualquer parte desta publicação poderá ser reproduzida, desde que citada a fonte. Os capítulos/artigos são de responsabilidade dos autores e não expressam, necessariamente, a opinião do Conselho Editorial ou da Editora.

Sumário

APRESENTAÇÃO_____9
PREFÁCIO_____11
INSTANTE 17: QUINTA-FEIRA 17 DE SETEMBRO____13
DAS COISAS QUE APRENDI_____14
FOGO DE PALHA_____15
GRANDEZA DE UM PEQUENO CORAÇÃO_____16
ANTÍTESE_____17
CARNAVAL DE HORRORES_____18
A LIRA_____19
AOS QUE FICAM_____20
POR TRÁS DA TELA_____21
AS MOEDAS DA VIDA_____22
PODE MORRER ALGUÉM QUE AINDA NÃO VIVEU?_23
A MARAVILHA_____24
UM LUGAR DE DESCOBERTA_____25
SEM LIMITES DO AMOR_____26
O CELULAR EM TEMPOS DE QUARENTENA_____27
A JOVEM MOÇA QUE AMAVA VOAR_____28
A QUARENTENA_____29
MILHO AOS POMBOS_____30
IMPACTO_____31
ALENTO_____32
MURCHAR_____33
A (NÃO) LIBERDADE É CINZA_____34

O MUNDO VISTO DAS JANELAS_____35
BEM-VINDO_____36
A COERÇÃO NARCISISTA_____37
AMNÉSIA_____38
A QUARENTENA_____39
O VÍRUS DA MORTE_____40
MÁSCARA_____41
ÀS QUE A SEGURANÇA NÃO ESTÁ NO LAR_____43
REPRISE NA TV_____44
À NOITE._____45
APESAR DE NÓS_____46
TEMPO DE EXEÇÃO_____47
23 DE OUTUBRO, OU DIA 206_____48
INVASÃO_____49
A LÓGICA DA RECOMPOSIÇÃO_____50
FAMÍLIA, FESTA_____51
A CAUSA DA SURDEZ_____52
NOVE DE JUNHO_____53
AUSÊNCIAS_____54
NÃO HÁ MAIS TEMPO PARA MUDAR_____55
FORÇA_____56
PELA JANELA_____57
JUNTOS ATÉ NA PANDEMIA_____58
QUARENTENA_____59
COMPREI UMA REDE_____60
CAFÉ_____61
DOIS TEMPOS_____62
EU, COM O SOBRENOME DA MINHA AVÓ_____63

ROMEU E JULIETA EM TEMPOS DE PANDEMIA____64
LAVÍNIA_____65
AS PAREDES DA MENTE_____66
REVOLUÇÃO DO AMOR_____67
COMISSÃO JULGADORA_____69
COMISSÃO ORGANIZADORA_____71
AUTORES_____73

APRESENTAÇÃO

É gratificante apresentar esses autores que vêm de várias partes do mundo para compartilhar conosco sua escrita. Mais que isso estão revelando a nós seus desafios de viverem um período de confinamento que altera, para alguns muito, para outros nem tanto, o modo de estar no mundo. Nesses dias tão nebulosos e inacreditáveis que estamos vivendo, é muito bom saber que existem aqueles seres humanos que aproveitam o instante de incerteza para criar. São esses escritores que nos brindam com suas palavras tão sensíveis, às vezes doidas, noutras com uma raiva incontida, que transformam o caos em poesia. Cada conto nos conta do cotidiano cerceado por medo, mas também por metamorfoses intensas. Olhar o outro, olhar a si parece ser uma novidade antes nunca tentada. E podemos dizer, na voz desses artistas, que sim nós conseguimos olhar nos olhos um do outro. Nem que seja por pressão. Nem que seja porque temos nossa boca mascarada. Ou, pelo simples e belo prazer, de finalmente entender que somos humanos, criaturas divinas que foram criadas para amarem-se uns aos outros.

Sílvia Teske

PREFÁCIO

Ano de 2020. Tudo tão diferente. E ao mesmo tempo tão especial.

Entre desafios e superações, o Centro Universitário de Brusque – UNIFEBE promoveu mais uma edição do seu tradicional "Concurso Cultural Poesia Urbana". E a temática não poderia ser mais adequada: o concurso, que já está em sua 6ª edição, trouxe como tema central "A Quarentena".

O "Poesia Urbana" da UNIFEBE nasceu em 2011, com o propósito de promover as competências culturais artísticas e a cultura literária. É um jeito leve e belo de levar cultura e arte em forma de poesia para a região e para o mundo. A cada nova edição, o concurso teve os seus resultados compartilhados de forma diferente:

1ª Edição (2011): as micropoesias selecionadas foram estampadas nas janelas dos ônibus do transporte coletivo de Brusque.

2ª Edição (2012): nesse ano, as poesias contempladas foram impressas nos sacos de pão utilizados nas padarias, filiadas ao Núcleo das Panificadoras e Confeitarias da Associação Comercial de Brusque. Com certeza foi uma forma bem gostosa de levar cultura e arte em forma de poesia para dentro das residências.

3ª Edição (2013): resgatando uma prática que está caindo em desuso (os cartões postais), nessa edição as micropoesias contempladas foram impressas em cartões postais que foram entregues nas casas da população brusquense.

4ª Edição (2014): o resultado foi divulgado em outdoors nas cidades de Brusque, Guabiruba, Nova Trento e São João Batista.

5ª Edição (2016): nesse ano, os 10 melhores poemas receberam menção honrosa, e os poemas foram divulgados na Rádio Diplomata de Brusque e no site da UNIFEBE.

6ª Edição (2020): depois de um recesso de quatro anos, o "Poesia Urbana" voltou a acontecer e a levar cultura e arte em forma de poesia para a humanidade. Com a temática "A Quarentena", o concurso estimulou a arte em forma de escrita de poemas que refletem o momento vivido, quando o mundo luta com os efeitos da Covid-19. Os 54 contos selecionados foram agraciados com menção honrosa e estão publicados neste e-book. Os 10 melhores contos foram publicados no jornal "O Município", na edição impressa do dia 11 de novembro de 2020.

Caro leitor,

Que você encontre, nestes contos, a forma, a beleza e a arte típica da escrita literária, que transcendem os tempos de quarentena. São contos que manifestam o ser das coisas e o tempo que a humanidade vive, "apreendido" pelos escritores e transformado em belos contos que revelam e encantam. Boa leitura!

Rosemari Glatz

Reitora da UNIFEBE

Instante 17:
Quinta-feira 17 de setembro

Acatarina

1:Frau queimava alfazema, após Herr Schaefer, marinheiro do Demerara dar conhecimento a Zeno da gripe espanhola. Herr antes de partir deste mundo, sentia-se feliz por dar a ele, os últimos grãos de sal de quinino
14: - Tome, Zeno! Frau beliscava a medalhinha rota ao peito do pracinha FEB 2G-128498 e abraçados se despediam orando -Andarei vestido com as armas de São Jorge
15:Meu corpo chacoalhava. USS General Meigs. SAMU. Abri meus olhos: Monte Vesúvio. Novamente: Azambuja. Tudo branco. Frio infernal! O chão estremecia. Pés uniformizados. Não sentia mais a perna, o ar pesava. Mingau. - A vida é uma grande luta cheia de batismos de fogo
Por seis dias minha mente coabitou duas guerras. E a guerra é sempre solitária
17:tedeschi, andare via. Hallelujah
Saía empurrado em uma cadeira de rodas, aplaudido de pé
Em 45, veio a pé. Sem aplausos. Tudo apenas dor
O mistério havia acabado
20: - Bem, eu fiz isso! Vivo, apesar de tantas mortes. Espero que tenha sido minha última.
21:Nós também Zeno, nós também

Das coisas que aprendi

Adriana

Você não precisa de tudo que tem no armário.
Livros e filmes deveriam ser parte importante da rotina.
Paciência é essencial, especialmente com idosos.
Há muito para fazer em casa e no jardim: não deixe tudo para as férias.
Comida da mãe é inigualável.
A liberdade e a independência são preciosas.
O dinheiro não compra tudo.
Amor, tolerância e respeito são sentimentos nobres. ABRA SUA MENTE!
Positividade não mata a fome, mas mantém a calma.
Fé não imuniza, mas ajuda a olhar com coragem para obstáculos.
Ter saúde equivale a uma fortuna.
O trabalho nos deixa focados.
Bichos de estimação são diferenciais em nossa vida. ADOTE!
Nada substitui os amigos.
ARTE É LUZ. Valorize os artistas!
Tecnologia é sua aliada. Use-a sabiamente!
Planeje o futuro, esqueça o passado, viva o presente!
Mude sua playlist! Surpreenda-se!
Crianças são as flores do nosso jardim, não esqueça de regá-las!
FAMÍLIA É TUDO!
Aceite o que não pode mudar. Mude o que for possível!
VIVA CADA DIA SENDO SUA MELHOR VERSÃO!

Fogo de palha

Aguadouro

À mesa da cafeteria predileta, saboreando um cappuccino, Fábio teve a mesa invadida por Davi, seu amigo, e duas mulheres.
— Fábio, my brother, estas são Sandra e Virgínia.
— Prazer.
Agradável a conversa com Sandra.
— Quer carona? Fábio perguntou.
— Se não for contramão...
No dia seguinte...
— Alô?
— Oi, Fábio? É a Sandra. Davi me passou seu número.
Mais um casal clandestino e bem cafeinado. Apenas Davi sabia.
— Seu casamento está falido, brother, qual o problema? Carpe Diem!
— Sinto-me um lixo diante de Cristina.
— Isso com Sandra é fogo de palha. Lixo se recicla. Depois você volta à vida de marido fiel.
Eis que surge a COVID-19. Mesmo em quarentena, Fábio se infectou. Castigo? Foram 33 dias de internação até a alta. Em baixa, o casamento. Cristina pediu o divórcio. Entristecido, Fábio para seu amigo.
— Sabe da Sandra, Davi?
— 'Tá' em novos braços.
— Sério?
— Fogo de palha, lembra? Mas o bom é que nossa cafeteria reabriu.
— Sério?
— Não brincaria com isso. 'Tô' indo aí te buscar.

Grandeza de um pequeno coração

Aina Gehl

Em tempos de quarentena, solidão e tragédias retratadas. Observar o nascer e pôr do sol e a revoada de pássaros pela janela amenizam o entristecer.

Os livros e o abraço de meu filhinho são minhas melhores companhias. Ele mostrou-me seus bichinhos de pelúcia com fraldas na face protegidos. Senti uma emoção inexplicável a sensibilidade de a realidade refletir em sua vida.

— Vamos ao sítio de seus avós para caminharmos.

— Mamãe, antes pode escrever nos papéis palavras bonitas que fala quando estou dodói?

Escrevi palavras de encorajamento e amor em cada papel. Com suas pequenas mãos, dobrou em barquinhos. Fiquei admirada e sem compreender.

Na beira do rio, começou a colocar os barquinhos na água.

— Por que jogou seus barquinhos?

— Mãe, não joguei. Foram navegar para levar palavras bonitas para quem precisa.

Meu coração de mãe encheu-se de orgulho, são pequenas e belas ações que fazem com que vivamos melhor e nosso coração se inunde de amor.

Antítese

Akira Gobatto

Quando tudo começou, veio a surpresa e com ela, o medo
Medo de tudo, medo de todos, medo de qualquer coisa
Mas também foi por medo que veio a coragem
Por medo de não ter outra oportunidade, tive coragem de seguir em frente
Por medo de perder, tive coragem de deixar ir
Por medo de não mudar, tive coragem de arriscar
Por medo de me acomodar, tive coragem de me mexer
Por medo de me afogar em lembranças, ***tive*** coragem de esquecer
Por medo de não conseguir, tive coragem de me dedicar mais
Por medo da doença, tive coragem de me cuidar de verdade
Por medo de cair, tive coragem de pedir ajuda
Por medo de deixar o medo me sufocar, tive coragem para ter coragem
O medo nunca foi um problema, não se condene por ter medo
Medo é um companheiro protetor para a vida
Faça as pazes com ele, converse, tome um chá
Ele vai te ensinar a ter coragem se você deixar
Ele vai te ensinar a viver sem arrependimentos
Ele vai te ensinar a ter coragem de ser você
Você todo
Você por completo
Você é único
Com todo seu medo
E sua coragem

Carnaval de horrores

Amélia Greier

— Dona Alzira, venha se divertir um pouquinho no salão! – a enfermeira do asilo insistia em convidá-la.

— Carnaval é coisa do demônio! – ela gritava e as lágrimas desciam sem parar. Em pânico, ela perdeu o controle.

Após conter o surto, a enfermeira fez a velha dormir. Ao fim, sentiu-se culpada por ter causado tudo aquilo.

— Não foi você, é o carnaval… – assegurou o doutor.

— Por que tanto medo de carnaval?

— Foi há 60 anos. Em uma quarta-feira de carnaval, a realidade virou cinzas. Terminou o recesso e começaram as recessões. Uma pandemia mortal fez o ano acabar em fevereiro e um carnaval de horrores durar o ano inteiro. As certezas viraram purpurina, a antiga rotina virou alegoria. Todos usavam máscaras, com sorrisos contidos e corações isolados. Ruas ficaram vazias, invadidas por marchas fúnebres. Perdemos pessoas queridas…

— Mas… foi há anos! Por que ela ainda tem tanto medo?

— Porque algumas máscaras – assim como algumas dores – nunca mais desprendem do rosto.

A Lira

Anderson Cleiton

No poente o céu tingia-se de vermelho. Eu pegava minha viola e tocava harmonias singelas. Reuníamo-nos na cozinha para contar histórias. No banco da sala assentavam-se as visitas. Mas sucederam-se, lentamente, os progressos da doença, imperceptíveis. Agora espalha-se em grupos, o povo, pela praça em frente à igreja. Corre a notícia da moléstia pela zona rural. Minha vida, abalada pelo terrível acontecimento, mudou completamente. Você não sabe o que é a penetração de um micróbio num organismo. A doença é causada não por ares contaminados, mas por seres vivos microscópicos. A ciência de Louis Pasteur e Robert Koch, a microbiologia. Vírus alojam-se no cérebro após uma longa viagem pelos nervos. A Lira morreu após sofrimentos atrozes. Seu corpo trepidava, arrastava e bailava, manifestando-se os sintomas da pestífera doença. A ela, na cama, fui e fechei-lhe os olhos. Seu óbito parece uma coisa ininteligível para mim. Deve estar apenas ausente. Sem dúvida nos veremos de novo algum dia.

Aos que ficam

Antares

Abri a janela. O céu estava azul. Respirei o mais profundo que pude e o ar limpo invadiu os meus pulmões. Senti toda a energia da natureza. Agradeci por aquele momento. Busquei na memória as imagens daqueles que mais queria e esperava que todos estivessem bem.

Repeti o ato, senti apenas o tubo que ocupava minha traqueia e a dor por não poder respirar sozinho. Não sei quanto tempo estou aqui. Só queria mais uma chance para fazer diferente. Olhar novamente nos olhos dos meus filhos, uma benção.

Ouço vozes, não entendo as palavras. Minhas mãos e pernas não obedecem. Ninguém ouve o meu apelo: preciso de ar!

Onde falhei? Como me contaminei? Eu não poderia deixar de atender, aquelas pessoas precisavam de mim. Eu jurei protegê-las.

Sempre encarei a morte com naturalidade, comemorei cada vida salva.

Espero que meus alunos aprendam e, numa próxima vez, saibam fazer melhor no combate ao inimigo invisível. Ouço um bipe contínuo. Dever ser o meu monitor cardíaco. Aos que ficam, saúde!

Por trás da tela

Aparecida Vines

O casal pensou em um jeito de distrair os dois meninos, em quarentena, havia mais de cinco meses. “Que tal comprar sanduíches e comer em algum lugar?” — sugeriu a mãe. As crianças concordaram, apreensivas. — “Ele” não percebe a gente na rua, papai? — perguntou o de dois anos. O pai tranquilizou-o: “estaremos seguros”. Quando chegavam à beira do lago, o de seis anos levantou o braço direito e gritou: “a vovó!” “Onde?” — quis saber o menor. O homem olhou naquela direção, sua mãe estava sentada sobre um tronco seco de árvore, de frente para a água, expressão triste. “Não! Não é ela!” — reagiu. Tampou os olhos dos meninos com as mãos: “vamos embora!” E soletrou entre dentes: “o que ela faz aqui?” A mulher ouviu a voz dos netos, virou-se, eles já se afastavam, puxados pelo pai. A mãe os seguia alheia, sem perceber o porquê da fuga. A avó entendeu: “temos que ficar distantes, o vírus não tolera aproximação”.

Mais tarde conversaram pela tela e não se tocou no assunto.

As moedas da vida

Ariel Aieres

Joana desceu do ônibus sozinha, quase ninguém andava no transporte coletivo, tinham medo. Estacou diante de uma moeda no chão. Pensou em pegar, mas poderia estar contaminada. Deixou.

No dia seguinte a moeda ainda se encontrava lá. Será que todos tinham medo do vírus como ela? Conferiu o álcool em gel na bolsa. Pegaria a moeda e bezuntá-la. Agachou-se. Usou as unhas, nada. A moeda estava grudada no chão. Seria um chiclete? — Que nojo! — disse baixinho.

Desconfiou que pudesse ser pegadinha. Levantou-se lambuzando as mãos de álcool enquanto procurava o miserável escondido rindo. Ninguém. Cada um na sua casa. Só Joana na rua.

Mais um dia Joana desceu do ônibus, dessa vez havia também um cara, que esbarrou nela: — Sai da frente, coroa. — disse desrespeitoso. Em seguida ele se agachou para pegar a moeda. Foi o troco. Joana passou rindo por trás da máscara. Ele berrou: — Miserável! — Como se Joana fosse a infeliz com tempo e dinheiro para colar moedas no chão.

Pode morrer alguém que ainda não viveu?

Bia Busching

Dona Ana, uma frágil senhora conversava com o filho, quando entendeu que o mundo estava diferente: “Mãe, tem um vírus lá fora, precisamos nos distanciar até tudo passar”. Jonas temia que aquela seria a última vez que via a mãe. Ela, muito sábia, disse: “Acalme-se! Esteja atento aos pequenos milagres diários. Aprenda a ver e ouvir o mundo com o coração. Tente algo novo todo dia, diga ‘eu te amo’ mais vezes. Dance sozinho, pare de se cobrar tanto e de viver com pressa! Eu demorei muito para entender isso. Você e eu só temos a certeza do agora, e eu quero que você faça o melhor que você puder com isso. Ok?”. “E se eu não conseguir?”, disse Jonas, apreensivo. Dona Ana, deu um meio sorriso e então disse: “Se você não conseguir, você realmente não tirou proveito de uma adversidade. Você tem grandes chances de sair vivo disso, já eu não sei.... Mas posso te assegurar que se você nem tentar, já terá morrido muito antes de mim!”.

A maravilha

Candice Paixão

Foi no vigésimo terceiro dia de isolamento que ela prometeu a si mesma: assim que as coisas estivessem mais serenas, levaria o filho pequeno num museu, ou numa exposição de artes. A criança tinha deixado de viver tantas experiências naqueles dias difíceis, que a mãe quis lhe dar esse pequeno presente: o de ver obras belas ou ao menos, coloridas, que o estimulassem, que o divertissem.

A vida uma vez de volta aos eixos, lá foi ela com o menino de somente três aninhos rumo a uma galeria. Ele viu as pinturas. Gostou das cores, das formas. Tudo saiu muito bem. Mas foi na calçada mesmo da galeria, na saída, que a mãe se surpreendeu com o filho.

Vendo dois velhos amigos se encontrarem e se abraçarem no ponto de ônibus ali perto, o menino apontou e disse: "Olha, mamãe, que maravilha".

Um lugar de descoberta

Clarissa Nobrega

Ana empresária de 30 anos, ambiciosa, proativa e assoberbada, numa tarde de final de março de 2020, olhava pela janela do vigésimo andar do edifício onde mora e curiosamente não via, tampouco ouvia quase nada, apenas um fluxo reduzido de carros em movimento. Diante disso, Ana teve o seu ego dominado por uma série de inquietações logo, inconscientemente o corpo de Ana foi curvado para frente, a sua cintura encontrou a parte inferior da janela e a sua cabeça parecia balançar no ar.

A mente de Ana adentrava um lugar de descanso, onde a aceitação de que o hoje não podia mais ser como ontem fazia-se presente, mesmo que com o sabor de imposição e juntamente com isso, nascia o desafio de criar formas de ser e estar no mundo que ainda não estavam disponíveis historicamente. Ana retornou para o seu notebook que estava na sua sala de estar e clicou no link da reunião de trabalho.

Sem limites do amor

Cloroquina

Zuma preparava a casa para receber o filho. Nem mesmo as notícias estarrecedoras que abarrotavam os noticiários, aterrorizando a população, foram suficientes para demovê-la da ideia.

Com o rosto coberto por uma máscara, o rapaz chegou, em uma tarde fria de inverno, quando os últimos raios do sol saltavam do horizonte, avermelhando o céu. A mãe abriu um leve sorriso, olhou-o com ternura, aproximou-se e o abraçou sem pressa.

Novo dia. A máscara foi esquecida. Sobraram amor e cuidado, cama limpa e comida boa, carinho e atenção. Passou o tempo, passaram as dores, passou a doença.

Veio a despedida...

Era uma manhã de sol, quando Benedito recebeu o telefonema. Em poucas horas, estava de volta à casa da mãe: vazia, triste, silenciosa. Avisado pelos vizinhos, correu ao hospital.

Sem permissão para entrar, ficou aguardando notícias. A espera, porém, foi breve. Em minutos, viu o corpo passar em um caixão lacrado. Acompanhou-o, taciturno, sem a chance de contemplar o rosto da mãe uma última vez.

O celular em tempos de quarentena

Cocota - San

Acordei com um toque do celular. Esta semana você ultrapassou duas horas de internet. Meu Deus! O que eu fiz, ou melhor, o que eu não fiz? Será que não fiz a faxina? Não concluí a leitura do livro. De onde vem tanto tempo livre? Conclusões que pus na caixa de Pandora e a deixei bem lacrada, para que vírus nenhum se espalhasse pela vizinhança. Afinal, da última vez que me esqueci de fechá-la, um sentimento saiu e não voltou. Por isso, até hoje não aprendi a amar.

Não é novidade que não resisti ao celular e lá estou eu lendo ou apagando dezenas de bobagens. O grupo familiar para um bom dia. O grupo do trabalho para saber quem vai ser dispensado hoje ou amanhã. Os amigos com seus vídeos, nunca vi tanto humor em tempos de cólera. A esquerda culpando a direita e a direita culpando a esquerda, enfim, fiz como Nietzsche, decretei um encontro de um intelectual com um néscio para ver se um grupo eliminava o outro nesta quarentena.

A jovem moça que amava voar

Dona Isabele

A quarentena tem deixado a jovem moça muito cansada. Ela tem ficado assim, deprimida, porque segundo ela, a monotonicidade do momento tem reprimido seu espírito que só quer voar o mais alto possível e conhecer tudo que há.

Estando sempre tão cansada do seu próprio cansaço cotidiano, a jovem moça, pensando em fugir do marasmo, teve uma ideia que abrilhantaria seus dias trancafiados em quarentena: aprender como se não houvesse amanhã!

Ideia ousada, a jovem moça é ousada! Como ela própria diria "sair do repouso e migrar como uma ave em um voo cândido, mas muito saboroso em busca do que pode saciar a prodigiosa paixão da mente: aprender".

O encanto por trás de cada nova descoberta levava a jovem moça muito além do horizonte da sua casa. E com grande curiosidade, contando com a sua própria vontade, voou na quarentena muito mais que qualquer pássaro. Fez de si mesma uma aeronave sábia! Pois não há masmorra ou virose que prenda um espírito sedento pelo saber!

A quarentena

Ettore Massimo

Eles eram bons amigos desde criança, moraram muito tempo na mesma rua, e cada um desenvolveu gosto por uma arte. João Carlos escolheu a música, Alberto o desenho. Sérgio escrevia poesias e Júnior amava o cinema.

Já adultos sobreviviam em outras atividades laborativas, relegando o pendor artístico a um segundo plano. Quando a pandemia provocada pela Covid-19 grassou pelo país e a quarentena foi decretada, obrigados pelo isolamento, tiveram tempo de sobra para dedicar à arte.

Nesse período, os quatro amigos tiveram um "boom" criativo, ao explorar o tema "A Quarentena". Sérgio escreveu lindos poemas, Alberto desenvolveu banners, folhetos e até uma revista eletrônica sobre o corona vírus. João Carlos compôs uma linda música em homenagem aos profissionais de saúde e o Júnior produziu vídeos nos quais alertava quanto aos cuidados na pandemia.

Impressionante como o ato criativo surge, mesmo numa contingência de restrição como a quarentena! O ser humano deve respirar ar...te!

Milho aos pombos

Everton Cunha

Ruas vazias. Os pombos conjecturaram que o telhado do coreto não servia mais de pinico. Bola de neve, o pombo decano determinou revoada imediata. Os arrulhos se proliferaram. Onde estariam estocados os milhos e a gente que emporcalhavam a sua praça? O som foi aumentando e o burburinho tomou vulto de grande discussão. Pombos reunidos... conjecturou-se que o grupo deveria buscar um novo poleiro para arrulhar de lar.
Bola de Neve buscou a diplomacia entre seus pares.

Naqueles dias nebulosos uma proposta foi alçada como solução, a fim de, tornar diminuta a
fenda ideológica das demandas columbinas optou-se por deixarem de voar e usarem o passeio com a etiqueta da espécie recém-exterminada.
Peito estufado. Bico inclinado. Olhar profundo e inquieto. O cérebro era menor que uma ervilha. Assim era produzida uma nova espécie com o húmus da anterior.

Impacto

Fênix

Impactante! Sensação de estar fora do compasso, irrealidade pura. Realidade verdadeira! Assim me deparo e vivo os iniciais quarenta dias imaginados. Porém, transformados em meses. Decido viver um dia por vez. Aprendizado inédito!

Deparo-me com as profundezas de meu ser e alma, que se escancaram, revelando o sombrio, obscuro e desconhecido. O medo toma conta. O não controle causa um aperto que estrangula meu peito em chamas. Sensação de morte súbita. Num rompante, algo das profundezas emerge numa torrente extraordinária, quando uma força descomunal me contagia. Mudo radicalmente um padrão obsoleto. Um verdadeiro salto quântico me coloca muito além daquele antigo eu.

Revejo minha vida em detalhes num descortinar acelerado de imagens. Renasço. Uma criança surge em pureza autêntica. Sua energia inesgotável me arrebata e envolve rumo à certeza da continuidade por um caminho novo! Experiência única trazida pela luz! Vida plena. Impacto.

Alento

Flor do Cais

Mamãe fala que o almoço está pronto. Limpo os óculos embaçados, que estão me incomodando; sinto as vistas cansadas. Trabalhar em home office durante a quarentena tem lá seus aspectos positivos. Prometo à mamãe que lavarei as louças após o almoço. Ameaça chover, e ela corre para recolher as roupas no varal. Depois, nos sentamos à mesa, como em velhos tempos, e conversamos sobre amenidades. Para sobremesa tem doce de banana, o meu preferido. À tarde, planejamos caminhar um pouco no campo, e levar Meg para passear. É bom voltar às raízes e me sentir em casa, após tanto tempo longe. Mamãe fala que estava com saudades, e eu também; saudades imensas de sentir o afeto e a paz transmitida no abraço materno; um alento em meio ao caos. Após a quarentena, eu voltarei à rotina normal; da metrópole, do concreto e do trânsito. Mas naquele recanto, em meio à simplicidade, estava tudo que eu sempre precisei para ser feliz.

Murchar

Gabriel Alencar

Dona Raimunda foi até a área de serviço e colocou um pouco de água no regador. Fazia frio e as juntas doíam a cada passo que dava. Mas as plantinhas, coitadas, precisavam se hidratar.

Ela pegou a água e voltou para a janela. Dali as plantas viam as ruas solitárias abaixo e passavam o dia tomando sol, quando este se dignava a aparecer. Molhou-as com cuidado quando sentiu uma pontada.

— Ai — ela pôs as mãos nas costas —, mais dia menos dia esse frio acaba comigo.

Havia uma cadeira de balanço ali. Sentou-se e apoiou o regador no colo. As folhas das plantinhas balançavam com o vento frio. Que bonito… era como se estivessem aproveitando a brisa. Será que só ela não teria direito a um minuto de vida sem dor?
Balançou-se devagar na cadeira e falou sozinha:

— Já que isso faz efeito. Só aguardar.

E sorriu para si mesma. Alguns minutos se passaram, e a cadeira balançou cada vez mais devagar. Era o frio.

A (não) liberdade é cinza

Gisela Lopes Peçanha

Asfixiada por máscaras, álcool em gel, e pela cela em que se transformou meu apartamento, surtei!!
Peguei minha macambuzia gata Salomé no colo – murchinha com seus 17 anos de vida – e prometi a ela que, quando terminasse a quarentena, compraria uma coleira e a levaria para passear todos os dias – a se esbaldar pelos canteiros. Depois, abri a gaiola de meu coleirinho cantador Benedict e, com o coração dilacerado, o deixei partir... para que ele pudesse ter uma única chance de voar, e de conhecer o seu céu de direito.

O tempo passou, a pandemia curou, vida nova raiou, e eu troquei meu apartamento por uma casa com quintal. Salomé, mesmo anciã, aprendeu a subir em árvores tal qual uma atleta, e Benedict se cansou do céu: achou grande demais e preferiu morar no abacateiro da nova casa; mas trouxe sua companheira, uma papagaia que encontrou pelo caminho...
Ela cantava o dia inteiro, melodiava até o hino nacional!
Eu a batizei com o nome Liberdade.

O mundo visto das janelas

Graziela Barros de Carvalho

Olhei para as janelas do prédio à frente do meu. Quantas histórias aqueles pequenos retângulos podiam ocultar ou mostrar? Quantos sentimentos, experiências e emoções não estavam atrás daquele pedaço de vidro? Na solidão compartilhada da quarentena, imaginava, mais do que nunca, como cada janela continha um significado diferente. Para uns, poderia ser liberdade, para outros, prisão. Já eu, observava o mundo lá fora em devaneio. Com o entusiasmo de uma psicóloga que amava acompanhar histórias humanas, sabia que cada pedacinho daquele prédio respirava vida. Uma vida enclausurada, mas em agitação. Uma agitação contida dentro de nós. Por mais que estivéssemos distantes, ainda tínhamos uma preciosidade: a palavra. A palavra atravessava todas as janelas.

Bem-vindo

Guilhermo Vidal

Convidei-a para que se sentasse à mesa.
O ar estava espesso, uma bruma densa e baixa no ofegante ambiente escuro, fazendo arderem os pulmões a cada inspiração ansiosa.
Sentou-se com gestos lentos e calculados, magras mãos de dedos longos e finos espalmadas sobre o tampo empoeirado do móvel mambembe.
À sua frente, um cálice. Algo licoroso, de cor indefinida, exalava um cheiro acre.
Vislumbrei que da garrafa calada a um canto da mesa verteu um tanto de líquido em outro cálice, empurrando-o ruidosamente para mim.
Segurei o cálice com ambas as mãos e me curvei para decifrar-lhe o semblante.
Sorria em algum canto de boca, fitando-me serena.
Sorveu o líquido em um gole. Fiz o mesmo.
Uma dolorida tosse gutural quase me jogou ao chão, mas tropegamente me recompus, com uma estranha sensação nas entranhas já contorcidas pela tensão, o suor começando a descer testa abaixo em profusão.
Perguntei-lhe por quê.
Apontando-me um corredor com luzes embaciadas à porta, sibilou, satisfeita, "bem-vindo".

A Coerção narcisista

Haruka

O homem que penteava seu ego frente a um misterioso oceano urbano, com pouco tempo para olhar a si, vê só de seus olhos a fora. Capaz de ver a curta fração de seu espaço, mas não de reconhecer-se nela. Dono de seu próprio nariz tão insignificante quanto o resto, ousou pensar que seria dono de seu próprio mundo, do seu bolso e seu futuro. Amanhã, em quarentena, o escravo do tempo, vulnerável ao ar, acorrentado pela própria pele em seu corpo, que grita "humano!", bem no ano em que o mundo mudou. Fraco de pai e mãe, mas filho do caos, para quem o homem fala_"Conheço essa atmosfera, um imprevisto e o mundo mudou." o vazio em coerção diz "O mundo é o mesmo. Não foi por você. Esta disperso na preguiça do caos. Que o criou e o levará." Perdido nos dias, perdendo-se horas em um mundo que pensou ser seu. Insignificante como sempre, mas desperto como nunca. Longe da órbita, sem a influência da exterioridade social, ascendido em zero. Para sempre nulo, fora do teatro social.

Amnésia

Intimista

Acordou atordoado. Procurava lembrar onde estava. Depois de 10 dias na quarentena, ele começou a sofrer com uma amnésia que o atormenta a cada manhã.
Quer se lembrar da vida, mas lhe vem à mente um sonho repetido todas as noites, sua amada o teria deixado. Ora, que amada? Nunca amara ninguém, teve meros flertes e só!
Vai ao banheiro e lava o rosto. Agora, sim, percebe que não está naquele bar da outra rua, imaginado ao levantar, que tanto frequentava antes desta maldita quarentena.
A empregada chega, arruma o café e chama. Mesmo na quarentena ela vem sempre; ele não a pode dispensar, precisa de alguém que arrume suas coisas. Sem família por perto, só ela para lhe cuidar.
Toma o café e pergunta pelo marido dela.
– Despachei – diz ela, seca.
– Vai arrumar outro? – pergunta ele.
– Só se for você!
– Eu?
– Sim, você, Henrique!
Ela traz a mudança no mesmo dia. Ele passa a não sofrer mais com a quarentena e se cura da Amnésia, nome com que chama a mulher.

A quarentena

Iuri

De nada me servem ampulheta, despertador de corda, relógio de sol. O minuto é sempre o mesmo.

Hóspede em minha casa, livros me sustentam, soltos ao chão, agarro-me a eles — relegada ao isolamento.

Drones flutuam nos telhados, nos espaços entre prédios, penetrando, sorrateiros, lares noroestes; movimento invasor, sem piedade. Na varanda, porém... Deu-se uma luz. Ascendente em mim. Tocantemente. Descendente em meu muro.

Alhures... Ressoa uma voz vermelha, brilhante, inquirindo **se, no domicílio, há alguém febril ou com algum sintoma.** Faço gestos quarentenos negativos; vem outra demanda **se alguém se dirigiu até o...** Idênticos acenos confinados; e a voz ecoa ditatorial, **mantenham-se sem encontros...**

Dúvidas ressurgem. Poderemos nos comunicar por meio de pombos-correio? Tambores emprestados das tribos indígenas que se mantêm no Noroeste? Falsas mensagens?

A quarentena revelará o melhor das pessoas... Então, concordaremos — todo tempo é nunca, quando restamos em contenção de amor.

O vírus da morte

J.R. Freitas

Um silêncio. Um medo. Um sentimento fúnebre.
Letícia estava apavorada.
Em casa, dona Quelé, com 81 anos tentava evitar o vírus. Letícia sabia disso, mas tão pouco podia fazer para livrá-la, pois, precisava trabalhar, pegar ônibus para o serviço e, assim, manter a sobrevivência.
Sua avó se esquivava do monstro invisível, e até mesmo na calçada usava máscara, o que levava a sua neta a viver assombrada, temendo ser a responsável, um dia, de trazê-lo para casa.
O mundo todo começou a se fechar em seus lares. Em alguns lugares corpos eram deixados em plena via pública. No Brasil, o presidente incentivava o caos, menosprezava a ciência.
Letícia sabia disso, mas nada podia fazer, pois precisava trabalhar para se manter viva.
E, na luta brusca pela sobrevivência, viu sua avó começar a tossir, a sentir o corpo muito quente, a lhe faltar ar.
Depois, viu a vovó ir para o hospital e nunca mais voltar.
... Letícia se culpa até hoje como se culpada fosse.

Máscara

Jefisio

Há esse baile de máscara
Que vem numa inebriante
Noite em que a lua era crescente.

Nem vi que era também
A tragédia posta prova
Àquele que chega

Sem ter tempo de fugir
Pegou todos de surpresa
No salão.

Nos colocou de quarentena
No porão
E nos fez refém de nós mesmos

Mais o baile tem que continuar
Disse o pomposo anfitrião
Ora a essas alturas ninguém
Estava mais festivo

Devido a tal conjuntura
A dança agora era outra
Um pela comida
Outros pela vida perdida
Outros se perguntam

O que é essa corrida?
Tanto e tudo a se dizer
E a garganta seca.
O rio não tem mais

Para onde correr
Estamos aqui eu e você
Vendo os loucos bufões
Lá em cima no palco vazio

Rindo, gargalhadas medonhas
Se embebedando com os
Soldados funestos
Esperando suas carruagens chegar.

E nós?
Que nem tivemos tempo
De dançar?
Infelizmente nos esqueceram aqui.

Jogaram a chave fora.
E olhando uns para os outros
Vemos o que sobraram.

Às que a segurança não está no lar

Jéssica Soares

Faz sete meses que seu pior pesadelo se tornou realidade. Não, seu pior pesadelo não é um vírus mortal, mas veio através dele. Seu pior pesadelo é estar enclausurada com o homem que sustenta sua família. A mídia fala sobre ensinamentos de quarentena, que através dela pode-se aprender a pensar mais no próximo, e perceber que é possível viver tranquilamente sem algumas regalias. Através disso, pôs-se a pensar, e observou que seus ensinamentos de quarentena não se encaixam com os apresentados pela imprensa. Que a quarentena a ensinou a fazer silêncio quando seu marido a agride, pois seus filhos estão no próximo cômodo, a ensinou a guardar pensamentos no mais íntimo de seu interior, pois apresentar ideias pode resultar marcas pelo seu corpo. Que a quarentena não a protege, que a quarentena está deixando em si registros internos e externos, que a quarentena é seu pior pesadelo. Por fim, reparou que a quarentena tem nome e sobrenome, assim, discou 180.

Reprise na TV

Julho Verme

Eu já me mantinha em quarentena junto com a minha família. Só saía de casa praticamente para trazer comida a todos. Tínhamos nossas próprias brincadeiras, cantávamos para espantar o medo e celebrar alguma coisa. Certa vez veio uma visita à nossa vizinhança. Nós víamos de longe toda a conversa e descontração. Eles foram hospedados na residência de um vizinho por alguns dias para que fizessem a sua reportagem para a televisão. Eu jamais pensara que algum dia iria aparecer com meus entes queridos, mesmo que de longe, fosse num televisor de dezenas de polegadas fosse num aparelho celular! Mas aconteceu. Em dois momentos. Primeiramente quando os homens brancos vieram à nossa aldeia e pesquisaram os nossos hábitos indígenas pela enésima vez. Depois quando fomos enterrar o sétimo membro de nossa tribo após os mesmos brancos nos trazerem o tal coronavírus. Eu nem sabia, mas já mantinha minha família trancada na oca em regime de quarentena, e acertamos ao ficarmos longe de tudo...

À noite.

Kadinaly

Já se passaram trinta e nove dias...
Aqui na pele, na alma, vivendo o isolamento da águia,
E o superego e a introspecção das borboletas.
Sala ampla, quarto apertado, menino de um ano chorando,
Nariz e boca no acessório constante,
Tirando para dormir assustado.
Se ele acordar coloco rápido.
Sinto as minhas penas da alma caírem ao chão,
E minhas asas perderam a função.
Somente o Ácido Ascórbico tira o novo voo ao amanhecer,
Desta fabulosa noite de quarentena.

Apesar de nós

Louis Riverstone

Mesmo depois que a última porta da minha casa foi trancada, o sol ainda teimava em manchar com sua luz a grossa cortina do escritório. As primeiras horas foram de uma estranha sensação, como se o que estávamos começando a viver poderia não ter um prazo determinado para acabar.

– Será uma nova e permanente realidade? – perguntei a mim mesmo, enquanto procurava no telefone celular alguma mensagem ou chamada eventualmente perdida, ansioso por um recado de voz emitido por parte de amigos ou familiares que me encorajassem com palavras do tipo:

– Vai passar logo!

Ou:

– Estamos distantes, mas ficaremos bem!

Os dias que se seguiram àquele provaram que, apesar de as horas se arrastarem, a vida prosseguiu. Nem todos tiveram a mesma sorte que eu – que estou escrevendo estas linhas – ou que você – que as lê, e que certamente também teve perdas importantes, rezou pela saúde de amigos e familiares, e chegou a sonhar com alguém dizendo:

– Estamos bem, apesar de nós mesmos!

Tempo de exceção

Luiz Jardim

__Lucca, como vai?
__Exausto! Tempo de exceção... Arre! Desponta à esquina, a turma da Epidemiologia. Apresse! Encontro de dois vira reunião!
__O direito de ir e vir encontra-se prejudicado. Fui à Farmácia, aqui a prova! Você?
__Venho do trabalho. O custo do Plano de Saúde... Como está vivendo o período de pandemia?
__Difícil! Como todos... Aliás, perdão aos que perderam os seus. Vê-los sair e não voltar ou saber sepultado coletivamente. Algo ocorre equivocado à gestão e comunicação... Direcionam a viatura ao nosso lado e protegidos, quais astronautas em suas roupas inconsúteis!
__Precisam de ajuda! A máscara do senhor bastante suada!
__Utilizei duas. Tem para me repassar?
__Não!
__Pode nos levar em casa?
__Negativo! Temos ordem de ...
__Sei! Então! Parou por quê? Totalmente incongruente o propalado. Não podem auxiliar? Prossigam! Não consigo entender o posicionamento dos senhores! Adeus!
Sigamos, Lucca, deste mato não sai coelho!

23 de Outubro, ou dia 206

Luma Andrê

Preocupação, esperança, espera, paciência, distância. Notícias, ciências, políticas, dúvida, potência, paciência. Doenças, curas?, pragas; camas, suadas. Estatísticas. Lotação. Coração? Respiração? Pesquisas; dúvidas, políticas. Paciência. Respiração. Sem notificação. Tempo, casa, mês, café, comida, casa, rua, silêncio. Paciência. Respiração. Tempo, casa, mês, quarto-sala-banheiro-quarto, comida, corpo, casa, rua, festa. Festa? Paciência. Respiração. Abominação. Tempo, casa, mesma casa, corpo… outro corpo, corpo-casa; rua, festas, mais carros, obras. Som na casa, som da rua; grito do corpo. Respiração. Paciência... notificações! Notícias. Pragas? Curas? Romantizações? Festas. Mortes. Políticas, loucuras, nas ruas. Corpo, casa; cabeça, casa; vozes, som da rua, som da casa. Agosto, Setembro, Outubro; daqui a pouco, Novembro. Não me lembro do corpo junto da casa, mas o corpo que agora anda, não se separa. O que se divide é apenas o tempo nas páginas. 206 dias. As palavras não mudaram.

Invasão

Luz

De repente, surgem e se espalham pelo mundo, trazendo com eles dor, sofrimento, sufocação, desespero, morte, hospitais lotados, médicos exaustos... O mundo se acinzenta: tantos os medicamentos, tantas as preces e mandingas de famíliares, parentes e amigos, a busca de vacinas, a esperança de cura ora se acendendo, ora sumindo... E os Coronavírus, como os classificaram os pesquisadores, a tudo resistindo.

A Morte sorri aos enfermos, convidando a outro mundo, fosse ele o nada, fosse algo indescritível. E a dor terrível, como nunca a tinham imaginado, fustigante, incessante... Por mais que se tratem, deles se apodera.

O tempo flui, chega-se à causa primeira da pandemia: o consumo de carne de um pequeno animal, habitat dos coronavírus em região chinesa, degradada pelo homem. Também eles, coronavírus, vítimas do próprio homem.

Há que se respeitar a natureza.

Que Deus nos ajude, somos frágeis criaturas.

A lógica da recomposição

Maria Pia Ronda

Na mesa, ao lado da louça suja, deixei uma caneta, dois lápis rombos e alguns papéis rabiscados com frases insensatas.
Semelham aos meus dias e penso em jogá-los fora, um de cada vez, tendo o cuidado de não espreitar o conteúdo.
Para cada papel, um destino diferente: amassado, rasgado, cortado, queimado, enrolado.
Começo rasgando um. Logo paro, porque não tem graça.
Sombras sutis desenham, nas paredes, portais que não me ajudam a fugir do isolamento.
Me oferece mais conforto observar a dança solitária das partículas de poeira nos raios de luz, até me dar conta que nem elas aguentam ficar sozinhas por muito tempo, porque, quando a dança termina, as partículas, exaustas, se deitam uma na outra e, juntas, compõem novas formas.
Nuvens, camadas, cachinhos, que grudam em minhas meias e me seguem por toda parte.
Rendo-me, então, a essa lógica da recomposição, recupero os pedaços de papel rasgado e, misturando as palavras, tento escrever um novo dia.

Família, festa

Marisa Amaral

Pediu um drink. As mesas do café eram bem afastadas, ocupadas. Ele estava atrasado, como sempre, mas ela sentia-se bem com isso. Mais tempo teria para refletir.

Meses antes, tinham passagens compradas para Las Vegas. Depois, iriam direto para Lisboa, de mudança. O casamento foi "decidido" de súbito, por razões que envolviam visto de residência. "Vamos ter que casar", ele disse. Mas as viagens foram desmarcadas, substituídas pelo convite de passarem a quarentena juntos.

E na casa dele permaneceram longos dias.

Ele foi não para Portugal, mas para Florianópolis. Ela voltou à rotina no escritório, e mudou-se para a Zona Sul.

Ele estava de volta, por uns dias. Marcaram de se encontrar. Ao avistá-lo a entrar no café, caminhando daquele jeito dele e falando alto como sempre, seu corpo todo tremeu. A aproximação absoluta por meses provocara uma aguda repulsa que, agora, revelava-se numa atração grave, definitiva.

Mas, dessa vez, tudo seria em Porto Alegre, com aliança, família, festa.

A causa da surdez

Mina Draco

Edu perdeu a hora porque não escutou o alarme do celular. Notou que o gato movia a mandíbula, mas não emitia som. Ligou a televisão, acionou o liquidificador e... nada. Acordou surdo, apesar de jovem. Fora a repentina perda da audição, sentia-se forte como um touro, assim como os amigos que encontrava todos os dias no bar. Por isso, julgou que a surdez fosse passageira.

Na véspera, por telefone, discutira furiosamente com os pais. A mãe suplicou que ficasse em casa, pois a pandemia não havia acabado. Ele respondeu que faria da vida o que quisesse e não admitiria que alguém se metesse.

Vendo a esposa aos prantos, o pai entrou na conversa e exigiu do filho que, ao menos, usasse máscara quando estivesse na rua. O tom nervoso e incisivo gerou reação desproporcional no rapaz que há pouco tempo conquistara a independência:

— Não se preocupem, não vou aí tão cedo pra não contaminar vocês. E mais: NÃO VOU OUVIR MAIS NADA! Quem quiser falar comigo, mande zap. Sou livre. Fui!

Nove de junho

Monaliza Caetano dos Santos

Eu sinto que já sei o que acontecerá nos próximos minutos.

E essa suspensão do que é o tempo, agora, apenas me pede, sussurrando em uma voz que parece a minha: não se movimente demais.

Seguro com pouca firmeza a caneta e inicio a escrita do diário. Mas os dias se confundem, o caderno está coberto de rasuras. Não, hoje não é treze de junho, amanhã ainda é dia dez. Confidencio ao diário que hoje eu tive medo de me ferir com as notícias da TV. Quando ligo o aparelho, ele demora alguns segundos para funcionar e eu percebo que já sei quais serão as manchetes do dia e da semana. Caso me aproxime, consigo ouvir o que a TV dirá antes que ela diga. Recuo e a desligo. Da janela da sala entrevejo uma avenida, as pessoas caminham até o ponto de ônibus e atravessam na faixa de pedestres. Retorno ao diário: agora os pontos de ônibus do mundo inteiro são perigosos, mas eu ainda sou corajosa.

Daqui a dois minutos eu saberei o que fazer com o tempo. Hoje não é dez de junho. Até lá, eu espero.

Ausências

Murilo Lima

Felícia iniciou a vida docente na rede privada há anos. Sempre dedicada, cuidava dos estudos, dos alunos e do marido com toda delicadeza de sua natureza feminina.

Foi então que a iminência de uma pandemia a obrigou ficar em casa, isolada do mundo e do seu espaço preferido — a escola; embora o espírito educacional ainda pairasse na vida daquela professora, que passou a trabalhar na quarentena em uma espécie de home office.

A dificuldade da expressão não era maior que a de lidar com as plataformas digitais, já que a licenciatura não a ensinou a ser digital influencer. Ademais, antes de ser professora e mãe, era mulher. Tinha suas necessidades e à noite passou a cutucar o marido com o intuito de aliviar o estresse diário, até que ele começou a compartilhar a ausência do dia à noite.

A professora não entendia a distância de quem estava tão perto. Tentou fazer o inverso: esquecer o silêncio do esposo na voz avulsa dos alunos. Ideia genial!

A fadiga a matou antes do vírus.

Não há mais tempo para mudar

Pancrácio

E quando menos se esperava, Nanda, a menina mais jovem da rua, foi levada por uma ambulância do SAMU; e quando menos se esperava, Seu Tarcísio, fiscal de rendas aposentado foi também levado pela mesma ambulância, já intubado; e mais o Toscano da Farmácia, o Dedé da casa de frutas, a Mercedes, caixa do mercadinho da esquina, o espanhol Vieira, dono da banca de jornal, e ainda faltava citar um jogador de futebol que não teve sorte e veio acabar ali naquela periferia, o Marcão; a Fabiana, mulher que morava sozinha – "Sozinha porque queria", assim dizia o apaixonado Bastos, que não tardou a fazer o mesmo trajeto. E Clotilde, e Marechal, e Nego de Tomás da Padaria, e Morena, do salão de beleza.

E era assim todo dia. Uns foram e voltaram; outros fizeram uma viagem só de ida, não tiveram nem sequer a chance de serem velados, e ainda por cima sem ter direito a um túmulo próprio, onde se pudesse escrever o seu nome, data de nascimento e de falecimento.

Força

Renato Massari

Acordou assobiando. Olhou-me e disse "oi". Nada lhe respondi porque, conforme a ordem natural das coisas, não devia responder. Ao contrário da irmã, que cumpria com rigor a quarentena, ele bebia com os amigos, ia a churrascos e jogava futebol num campinho que só os moços do seu prédio conheciam. Ria muito de quem temia o vírus e julgava o isolamento social ridículo. Não se esquecia, também, de beijar o avô antes de dormir, hábito que tinha desde a meninice. Acamado, o homem de 76 anos ainda sentia as dores de uma cirurgia, mas não lhe negava a bênção nem o largo sorriso.

Na manhã em que o avô morreu, vítima da pandemia, não assobiou ao acordar. Não me olhou nem disse "oi", mas entrou no chuveiro e se deixou inundar pela torrente de água morna enquanto repetia, como um mantra que nunca quis repetir, a pergunta: "por que fiz isso?". Ao vê-lo sair do banho, senti sua alma trêmula. Então eu, o espelho do banheiro dele, quebrei a ordem natural das coisas e lhe disse: "força".

Pela janela

Ricardo Rainhas

O meu mundo é retangular. Como uma tela de cinema, vejo a vida passar por uma janela de 1m20cm de largura por 80cm de altura. Desde que o coronavírus resolveu visitar minha cidade, adotei o isolamento social e não saio mais. Odeio máscara. Não gosto da sensação do álcool gel nas mãos. Fico em casa. Evito assistir à televisão. Celular, só para pedir entrega de comida do mercado.

Já sei que a moça de rabo-de-cavalo passa por aqui correndo todos os dias entre 17h e 18h. Às vezes está de viseira, um dia carregava uma garrafa de água. Gosto das camisetas que veste, bem coloridas. Uma rosa, uma laranja, uma verde-limão. Bem diferente do entregador de gás, que duas vezes por semana está por aqui. Sempre de cinza. Roupa suada.

Mas o que eu mais gosto é escutar a sinfonia de pássaros e o coral dos cães. Fecho os olhos e vejo a vida. Sem pandemia. Um mundo melhor, em que a inocência dos animais nos inspira.

Acho que estou sonhando muito.

Juntos até na pandemia

Saracco

- Fred, como ficaremos em nosso home office?

- Isa, só precisamos colocar sua estação de trabalho...ali.

- Não, ali ficarei quase de costas para você. Aqui. Na sua frente, cara a cara. Está bom para você, amor?

- Tudo bem. Faremos uma gestão do espaço para acomodar seus equipamentos aí, oras.

- Isso. Já sonho criando aqui. Você tem algum problema em trabalharmos juntos? – sem lhe dirigir o olhar.

- Por que essa pergunta, agora? – estranhou, largando a lapiseira.

- Ah, tenho uma amiga professora, que precisa correr com a preparação das aulas on-line, e o marido, psicólogo, fica atrás querendo acalmá-la. Daí, ela foi trabalhar na casa da mãe dela.

- Não será nosso caso. Teremos que administrar nossa rotina de trabalho, só isso. Você, criadora de games, gosta de testá-los. Faz barulho. Eu, engenheiro civil, preciso criar meus projetos, me concentrar.

Abraçou-o por trás da cadeira, carinhosamente. Ambos os corações pulsavam num só ritmo.

Quarentena

seisPONTOum

E na aula on-line, durante a quarentena...
Professora pergunta:
– Alguém sabe me dizer o que é Pandemia?
Joãozinho logo responde:
– Um bando de ursos Panda!

Comprei uma rede

Sigridi Borges

Na varanda da casa do sítio me deito na rede. Comprei antes do início da quarentena. Observo o voo dos pássaros. O grupo forma um desenho no céu, onde o pôr do sol é refletido nas penas das aves a plainar num laranja de tirar o fôlego. Voam sincronizadas, barulhentas, pintam o céu, riscam a paisagem, vão embora. Amanhã voltarão a bailar num cenário repleto de sonhos, cheiros e sabores. Fecho os olhos.

Vi os filhos crescerem. Foram embora para a cidade.

A casa do sítio era cheia de crianças correndo. Almoço de domingo. Risadas, "causos", memórias, abraços. Muitos abraços. À noite, seresta em torno da fogueira. Acalentados pelo som do violão.

Acordo. Mais um dia. Só. Só o gosto da roça me acompanha. O galo canta e coo o café. Colho flores e as coloco no vaso. Recolho os ovos. Cuido do cavalo. Aqui tenho tudo. Nada. Ninguém para prosear. Só eu e Deus.

O silêncio é quebrado pelo cuco. Sonho.

Sonho? Sono?

Deito-me na rede e observo o voo dos pássaros. Cansado, respiro. Suspiro.

Café

Silvio Tabucchi

Acordo. Sem saber que horas são. Os dias e as noites estão sempre iguais. E há sempre uma solidão que nos acompanha. Ponho o café. Procuro pelos meus óculos. Para ver se consigo enxergar um mundo seguro lá fora. Ponho-os. Abro a cortina da janela e vejo o pranto da partida. O mundo lá fora ainda não é seguro. Meu corpo cansado recai sobre si mesmo, afago-me com minhas próprias mãos, tentando me confortar. O espelho à minha frente reflete essa solidão que nos acompanha. Reflete o espírito desolado da tragédia. Reflete o abalo mental trazido pelos dias que passam. O mundo lá fora é perigoso e o medo da derrota se sobressai perante a incerteza e a saudade. Há sempre uma solidão que nos acompanha. E essa solidão vai tomando conta dos corações dos homens. Chega como quem não dá licença. Empurra, sufoca, trapaceia. E a saudade do mundo real chega feroz, como quem devora as entranhas. E derruba lágrimas não requisitadas. Chega como quem também sofre pela partida. Chega. O café está pronto.

Dois tempos

Taina

Três vezes na semana ela levava ele para a creche. Às vezes quatro, quando resolvia caminhar mais um dia antes de ir para a empresa.

Apenas três semanas para virar a vida deles de ponta cabeça. Já tão acostumado com a rotina, com os amigos da creche, com o cansaço ao final do dia, sentia-se inquieto: começou a destruir sofá, tapetes e até o quadro preferido da Amanda.

Pipoca está fazendo juz ao nome, pulando por tudo, deixando marcas em todos os cantos! Paredes? Estas também não escaparam. Amanda está fazendo o possível para entretê-lo, mas suas habilidades se limitam a jogar bolinha e correr pela casa com ele. Ela também sente saudade da creche.

Sétima semana. Ainda estão anunciando "Se possível, fique em casa!". E assim os dois continuam: um redecorando a casa e outro tentando trabalhar no estilo home office.

Até quando precisam ficar confinados? Ninguém sabe dizer. Se a casa ficará inteira? Bom...incógnitas à parte, o que realmente importa é que estão bem!

Eu, com o sobrenome da minha avó

Tê Miller

Eu, com o sobrenome da minha avó, na cozinha reconfortante da minha mãe, nesses tempos angustiantes, com a caneta frágil e insegura, rascunho palavras infantis.
Nesses tempos solitários, eu, com o sobrenome da minha avó, com a caneta corajosa e decidida, na cozinha arrumada da minha mãe, lanço palavras desconexas.
Com a caneta assustada e trêmula, nesses tempos mórbidos, eu, com o sobrenome da minha avó, na cozinha inspiradora da minha mãe, risco textos desconcertantes.
Na cozinha concorrida da minha mãe, nesses tempos desafiadores, com a caneta leve e vagabunda, eu, com o sobrenome da minha avó, num suspiro, grito: mãe, quero colo!

Romeu e Julieta em tempos de pandemia

Thiago Barrozo

Poderia ter sido amor à primeira vista se não fosse um detalhe: Romeu estava desacordado há dois dias quando Julieta assumiu o posto de enfermeira na Santa Casa de Misericórdia. Foram 23 dias na UTI; intubado e respirando com o auxílio de aparelhos. Deixou o hospital no final de agosto, dezessete quilos mais magro e pálido como um fantasma. Saiu numa cadeira de rodas, ovacionado por médicos e enfermeiros, flagrado pelas câmeras de TV. Foi destaque no jornal da noite. Mais um sobrevivente do coronavírus.

Três dias depois, retribuiu o carinho. Encomendou duas caixas de bombons sortidos: chocolate ao leite, chocolate com avelã, chocolate com paçoca. Mandou entregar no hospital. Julieta ficou maravilhada, desamarrou o laço prateado e pegou um bombom. Não esperava que tivesse amendoim. Era alérgica. A garganta inchou, a pressão caiu, o chão desapareceu. Acordou na UTI. Romeu estava ao seu lado, de pé, segurando sua mão. Foi amor à segunda vista.

Lavínia

Thomas Weber

Tão logo foi decretada a quarentena, o distanciamento social, Lavínia pensou em "aproximamento cultural". De cara foi assistir ao filme "A menina que roubava livros".
Surgiu uma ideia, diminuir o distanciamento cultural com o projeto "A menina que empresta livros"

Imprimiu um pequeno folheto com livros disponíveis e distribuiu por todo condomínio O aproximamento cultural começou a acontecer em plena quarentena.

Um fato inusitado aconteceu. Ela foi entregar um pedido no 519. Uma senhora de meia idade veio atender. Lavínia explicou:
- Há dois dias o seu esposo me pediu para lhe emprestar este livro.
A mulher rindo disse:
- Querida, o meu esposo morreu há dez anos.
- Então, eu realmente achei ele com uma cara de defunto e estava sem máscara. Mas aqui está .

Quando a mulher pegou livro"Memórias póstumas de Brás Cubas". Achou estranho, muita coincidência. O nome do seu finado esposo era Brás.

As paredes da mente

Victor Belmiro

Por meses Henrique teve de encarar Karen, desde que ela chegou e ele não pôde fugir. Quanto mais os dias sucediam-se, mais a visitante parecia assustadora e eterna.

Karen raramente dizia algo ou sequer fazia algo, apenas seguia Henrique pelos corredores, moldava-se nas paredes do apartamento e na mente dele. A crua passividade dela era a mais assustadora coisa na terra para ele. Ela nada realizava, mas nele tudo causava. Sua presença era opressora e o fazia se sentir incapaz.

Numa epifania de insatisfação, num dia igual a todos, Henrique ameaçou jogar Karen da janela, mas hesitou e chorou por tempos após ver olhos vazios ao apertá-la o colarinho. Lembrou que Karen salvava vidas, apesar de deixá-las miseráveis.

Depois disso, ele buscou conciliar-se com ela, foi difícil entender alguém sem rastros aparentes, mas o tempo não foi empecilho. Ficaram em harmonia até o dia em que ela foi embora pela porta de madeira. Mas ela nunca saiu pela porta dos olhos.

Revolução do amor

Victória

Era um dia como outro qualquer. Pessoas a trabalhar, cachorros latindo, crianças correndo felizes. Parecia que nada diferente iria acontecer nessa cidade de moradores de pouca conversa. De repente isso mudou: um vírus desconhecido fez a cidade parar. Ninguém pode se despedir, dar um abraço. Eram tempos incertos. Isolamento e prevenção eram a lei.

Então algo diferente iniciou: alguns se perguntavam quando iam ver seus parentes, outros se seus vizinhos estavam bem. Aos poucos uns se preocupavam com os outros. Viu-se crianças ligando para seus avós e idosos compartilhando sua sabedoria com os mais novos, pequenos bilhetes carinhosos deixados nas portas das casas e músicas cantadas nas varandas. Algo estava diferente naquela cidade e talvez no mundo também.

Passaram-se meses e aumentava o amor, a vontade de partilhar experiências, ainda que a distância. A sociedade já não era a mesma. Quem diria que um vírus amedrontador causaria essa revolução do amor?

COMISSÃO JULGADORA

Silvia Teske
Artista visual, escritora, performer e professora universitária. Mestre em artes visuais na linha de produção artística contemporânea.

Suy Mey Schumacher Moresco
Mestre em Educação na linha de pesquisa Linguagem e Educação. Professora de Língua Portuguesa e de Língua Inglesa.

Francisco Alberto Skorupa
Arquiteto Urbanista e Historiador. Mestre em História e Literatura Brasileira de Ficção Científica. Professor do Curso de Arquitetura e Urbanismo da UNIFEBE

COMISSÃO JULGADORA

Claudemir Aparecido Lopes

Mestre em Filosofia. É diretor do Colégio UNIFEBE, participa do grupo de Pesquisa "Educação e Interdisciplinaridade", professor de graduação e atua na Educação a Distância da UNIFEBE e é Coordenador da Editora UNIFEBE.

Marcos Eugênio Welter

Presidente da Academia de Letras do Brasil, seccional Brusque/SC. Membro do Círculo Universal dos Embaixadores da Paz (Paris) e Comendador do Mérito Cívico e Cultural (São Paulo).

COMISSÃO ORGANIZADORA

Luana Franciele Fernandes Alves
Relações Públicas, Mestre em Ciências da Linguagem. É docente nos cursos de Design de Moda e Publicidade e Propaganda da UNIFEBE. Presidente do Comitê de Memória e Patrimônio Cultural e Supervisora de Extensão da UNIFEBE.

Gisele Buss Alberton
Secretária Executiva. Especialista em Assessoria Executiva Empresarial e Gestão de Negócios. Bacharel em Secretariado Executivo Bilíngue. Membro do Comitê de Memória e Patrimônio Cultural da UNIFEBE.

Elisiane Mafezolli
Graduada em Administração pela UNIFEBE e em Biblioteconomia pela Claretiano. Membro do Comitê de Memória e Patrimônio Cultural da UNIFEBE.

OS AUTORES

Adenildo Lima
Adna Gonzaga Cruz
Adnelson Borges de Campos
Adriana Fischer
Agnes Nagashima
Alcino Muller
Ana Caroline Gobatto
Antonio Oliveira
Aparecida Vines
Bianca Busching
Carolina Cunha Pereira
Clarck Duque
Douglas Luiz Oliveira Santos
Eduardo Laurent
Eduardo Tessler
Enock Freire Souza
Erivan Sales de Araújo
Evandro Valentim de Melo
Everton Willian da Cunha
Flavia Lima
Gabriel Alencar
Geraldo Trombin
Gisela Peçanha
Graziela Barros
Gustavo Soares
Hilda Curcio
Ingrid Isabele Hipólito Araújo
Jeanine Wandratsch Adami
Jefferson Camargo
Jessica Heloise Soares
Kíssila Muzy
Luis Matheus de Andrade
Luisa Maria Garbazza Andrade
Marcos Antonio Campos
Maria Apparecida
Maria Monda
Maria Teresa Simao
Marina Hadlich
Matheus Teixeira
Méroli Habitzreuter
Monaliza Caetano
Paulo Roberto de Oliveira Caruso
Renato Massari
Rinaldo Batista Pereira
Roque Aloísio
Ryele Martins
Saulo Adami
Sigridi Borges
Taina Lopes
Thais Andressa
Thiago Barrozo
Victor Belmiro
Victória Loos
Vivaldo Pinto Zeferino

Editora UNIFEBE
Fundação Educacional de Brusque
Centro Universitário de Brusque
Endereço: Rua Dorval Luz, 123
Bairro Santa Terezinha - Brusque - SC
CEP: 88352-400
Caixa Postal: 1501
Telefone: (47) 3211-7207
Site: www.unifebe.edu.br
E-mail: editora@unifebe.edu.br